

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

KILDARE ANTÔNIO QUINTINO DA SILVA

**O DESEMPENHO DAS COMUNIDADES TERAPÊUTICAS NO
TRATAMENTO E REABILITAÇÃO DE DEPENDENTES QUÍMICOS EM
UBERLÂNDIA. (2000- 2015)**

UBERLÂNDIA

2017

KILDARE ANTÔNIO QUINTINO DA SILVA

**O DESEMPENHO DAS COMUNIDADES TERAPÊUTICAS NO
TRATAMENTO E REABILITAÇÃO DE DEPENDENTES QUÍMICOS EM
UBERLÂNDIA. (2000- 2015)**

Monografia apresentada como requisito
para a conclusão do curso de História –
Licenciatura e Bacharelado, da
Universidade Federal de Uberlândia.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais.

UBERLÂNDIA

2017

KILDARE ANTÔNIO QUINTINO DA SILVA

**O DESEMPENHO DAS COMUNIDADES TERAPÊUTICAS NO
TRATAMENTO E REABILITAÇÃO DE DEPENDENTES QUÍMICOS EM
UBERLÂNDIA. (2000- 2015)**

Monografia apresentada como requisito
para a conclusão do curso de História –
Licenciatura e Bacharelado, da
Universidade Federal de Uberlândia.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais.

Uberlândia, 12 de julho 2017

M.^a Denise Nunes De Sordi

M.^a Pâmela Aparecida Vieira Simão

Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais
(Orientador)

RESUMO

Este trabalho tem como tema o uso de drogas em Uberlândia, visando abordar, especialmente, a prática das comunidades terapêuticas na recuperação e inserção social dos dependentes. Serão utilizados como fontes, sites da internet relativos a comunidades terapêuticas, e também monografias escritas por alunos da UFU e de outras universidades, além de contar com teóricos sobre o assunto. Serão utilizados jornais enquanto um percurso investigativo na compreensão de como o tema aparece nos jornais, nos anos de 2000 a 2015. Também serão utilizadas entrevistas de internos e ex-internos do Grupo Sarai e do Desafio Jovem Peniel.

Palavras-Chave: Drogas. Comunidades terapêuticas. Cidade de Uberlândia

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
CAPÍTULO I AS DROGAS VISTAS COMO OPÇÃO DE VIDA.....	7
CAPÍTULO II O DESEMPENHO DAS COMUNIDADES TERAPÊUTICAS NO TRATAMENTO E REABILITAÇÃO DE DEPENDENTES QUÍMICOS.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39

APRESENTAÇÃO

Este trabalho aborda o tema drogas, visando problematizar a atuação das comunidades terapêuticas em Uberlândia na recuperação dos dependentes químicos.

Escolhi o tema sobre drogas e comunidades terapêuticas porque compreendi que na mídia tal tema, muitas vezes, aparecia relacionado ao crime e violência. Então me inspirei em comentários de programas relativos a ocorrências policiais na cidade e percebi que geralmente na maioria das ocorrências policiais, a questão das drogas sempre era citada. Roubos e furtos, latrocínios e tráfico quase sempre com o envolvimento de dependentes químicos e traficantes.

Atualmente, há intensos debates que acusam tal perspectiva como sendo a responsável por encobrir todo o complexo processo de consumo e recuperação dos usuários de drogas no contexto do crime e da violência. Dessa forma, é preciso refletir em diversos fatores que podem influir no uso de drogas como, desemprego, conflitos sociais, ausência e/ou políticas públicas equivocadas na promoção de uma "segurança pública".

A questão das drogas afeta a sociedade como um todo, pois, está inserida no social. Uberlândia está se transformando em uma grande metrópole, e é claro que o crescimento e prosperidade de um determinado lugar atrai muitas pessoas. Nas grandes cidades esta problemática das drogas se torna mais evidente, embora, afete também outros espaços, inclusive cidades pequenas.

Para iniciar a pesquisa, entrei no site da biblioteca e fiz uma busca sobre livros que falassem sobre o tema. Depois fui ao CDHIS (Centro de Documentação e Pesquisa em História) localizado na Universidade Federal de Uberlândia. Procurei também teses que tratassem do assunto, e finalmente fui ao arquivo público e selecionei reportagens no jornal Correio que falassem sobre drogas no período de 2000-2015. Dentre estas reportagens selecionei algumas que, ao meu ver, constituem a problemática.

Depois procurei algumas comunidades terapêuticas que me receberam bem, mas na hora de falar com assistentes sociais e psicólogas, eles falavam que elas não estavam, mandavam ligar em outro dia, enfim percebi que eles não queriam ser incomodados. E diziam que esse tipo de assunto era tratado apenas com assistentes sociais e psicóloga. Só que elas não eram encontradas. Então resolvi procurar outras instituições. Uma delas foi o grupo Sarai, uma comunidade terapêutica Evangélica que atua na cidade de

Uberlândia na reabilitação de dependentes químicos. Nesta instituição consegui uma entrevista com um voluntário, porém, ele me disse que a casa de recuperação estava passando por uma troca de diretores e que iria mudar de local, e no momento eu não poderia entrevistar os alunos.

Foi aí que tive a ideia de procurar outras casas e vi em um site o endereço do Desafio Jovem Peniel. Esta trata-se de uma comunidade terapêutica, também Evangélica, atuante em Uberlândia com o objetivo de atender dependentes químicos. Entrei em contato com eles e logo marcaram uma entrevista com a assistente social Adriana Gomes da Cruz. Ela se dispôs a ser entrevistada e disse que para que eu conseguisse ter acesso aos alunos teria que enviar uma carta de apresentação por e-mail. Fui na coordenação do curso, consegui a carta e mandei por e-mail, porém ela me retornou, dizendo que o pastor da instituição queria uma justificativa do meu trabalho, alegando que já tinha tido problemas com o código de ética e que iria analisar a minha proposta. Estive a ponto de abandonar essa casa e procurar outra. Demorou quase um mês para que eu conseguisse a liberação das entrevistas, e aproveitei o dia de sábado em que alguns ex-internos e residentes se encontram com a família e fui entrevistá-los. Chegando lá encontrei o pastor da instituição que me disse que eles estavam na reunião com os pais e que logo teria a reunião com os dependentes. Aí chegou um deles e o pastor falou que ele tinha passado pela obra e que se eu quisesse poderia entrevista-lo. Entrevistei-o meio que rapidamente pois a reunião iria começar, e depois entrevistei outro, depois liberei-o para que pudesse assistir o encontro. Foi quando a Adriana (assistente social) desceu e foi falar comigo. Então pedi a ela se tinha condições de eu entrevistar um interno. Ela subiu e voltou com o residente que tinha mais tempo de casa, e então fiz a entrevista.

Depois consultei alguns sites que falavam sobre o assunto e dei prosseguimento ao trabalho. Como pensei que não conseguiria as entrevistas comecei a procurar tudo que falasse sobre ONGs (Organizações Não Governamentais) conforme fui orientado. Então quando tive acesso aos entrevistados, eu já estava escrevendo e já tinha perdido a esperança de conseguir as entrevistas. Mas apesar disso coloquei-as no trabalho. O Pastor do Grupo Peniel me pediu para não citar os nomes dos entrevistados, para não os expor, ficando acordado que eu colocaria somente as iniciais. E assim foi feito.

Para começar a análise do objeto a ser estudado, pretendo primeiramente observar as situações e os motivos que levam algumas pessoas a quererem se drogar.

No desenvolvimento deste tema, construí dois capítulos. No primeiro eu pretendo identificar os atores principais, no caso dependente químico e no segundo as Organizações Não Governamentais (ONG's) que tratam desses dependentes. Identificar suas estruturas, metodologias de tratamento e o que eles produzem em termos de resultados para que esses dependentes consigam se afastar das drogas e se reintegrarem à sociedade. É necessário analisar cada situação, cada caso e procurar identificar os motivos propulsores como; o medo, a culpa, a depressão e outros estados de mal-estar, fugas sociais, psicossociais. Oriento-me por especialistas no assunto como o psiquiatra e escritor Içami Tiba, Argemiro Procópio, doutor em sociologia pela Universidade de Berlim, e professor titular do Departamento de relações internacionais da Universidade Católica de Louvain, Bélgica.

Também dialogo com o sociólogo polonês Zygmunt Bauman autor do livro "O mal-estar da pós-modernidade" com as contribuições de Júlio Cezar Adiala, doutor em História das Ciências e da Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz e também dissertação de mestrado de Fernando Sérgio Dumas dos Santos, cujo tema foi "Alcoolismo: a invenção de uma doença". Além destes autores incluí no trabalho o jornal Correio com reportagens sobre ocorrências policiais envolvendo drogas e tráfico de drogas.

Para abordar esse tema, propus diálogos com psiquiatras, sociólogos e dentre outros, já que é um tema e uma preocupação social. Devia ser uma preocupação política também, mas parece que os nossos políticos não se preocupam com a saúde do povo, muito menos com a de dependentes químicos, que para a maioria das pessoas não deviam ser levados em conta, por serem pessoas improdutivas e que procuram o mal com as próprias mãos. As drogas não são só uma preocupação local, mas nacional, mundial, melhor dizendo e é preocupante o nível que ela veio a atingir. A necessidade de combatê-la o quanto antes é urgente. Quanto mais se espera, se acomoda, mais o problema se alastra. Temos que acordar. Para a maioria das pessoas hoje em dia as drogas convivem com elas constantemente. Dentro e fora de casa. Eu falo principalmente das drogas consideradas lícitas como bebidas alcoólicas e cigarro. É difícil hoje em dia uma família que não tenha alcoólatras e dependentes químicos. E na maioria quase todos os membros destas bebem pelo menos no final de semana. Isto tornou-se um hábito na nossa sociedade. E é um fato bem antigo, se considerarmos as sociedades modernas desde a Revolução Industrial no século XIX na Inglaterra, como Thompson se referia a esses acontecimentos quotidianos daquela época:

As denúncias contra bebedeiras e atitudes obscenas cresceram: o bispo Watson de Llandaff, velho inimigo de Blake, pregou um sermão, em que classificou o papel do delator comum como uma “nobre missão”... tanto do ponto de vista religioso, como político. As diversões dos pobres foram alvo de uma forte oposição religiosa e legal, [...]¹

Talvez essas atitudes de repressão contra o vício o estimulasse mais ainda. A agitação da vida moderna, as imposições sociais religiosas e morais podem sufocar o indivíduo, levando-o a procurar uma fuga, um escape, e muitos buscam essa fuga nas drogas, sejam essas lícitas ou ilícitas.

CAPÍTULO I

¹ THOMPSON, E. P. Comunidade. Lazer e Relações pessoais. In: _____. **A Formação da classe operária inglesa II: a maldição de Adão**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. cap. 7, p. 293.

AS DROGAS VISTAS COMO OPÇÃO DE VIDA

Procurando explicações para analisar os motivos que levam um indivíduo que nasce normal e de repente começa a experimentar e com o tempo esses experimentos se tornam diários e constantes e ele se vê mergulhado num abismo sem volta, eu procurei apoio no psiquiatra e escritor, Içami Tiba que é um especialista no assunto. Ele através do seu livro: *Juventude & drogas: anjos caídos*. “Para pais e educadores” nos dá algumas informações básicas sobre os motivos que levam os jovens de hoje a usarem e abusarem de drogas. As vezes começa por motivos simples e banais. Ele enumera alguns deles:

- Por simples curiosidade
- Como uma aventura sem compromisso, dada a banalização do seu uso.
- Na busca do prazer sem preocupação com os riscos.
- Para o jovem mostrar aos seus amigos que é destemido e corajoso, fazendo o que tiver vontade.
- Por imaginar que vai só experimentar sem tornar-se um viciado.
- Por baixa autoestima, etc.[...]²

Na verdade, a maioria das pessoas que experimentam algum tipo de droga, nunca imaginam que vão se tornar um viciado. E tem muitos viciados que não admitem o vício. A maioria fala “ Ah, eu uso só quando eu quero, não sou viciado”. Isso é muito comum nos alcoólatras. Geralmente o viciado não se reconhece como tal e a grande maioria não busca ajuda por acharem que não estão fazendo nada demais.

O vício é silencioso e quase que imperceptível para o usuário. Quem sofre as consequências imediatas e as percebem são as pessoas mais próximas, os pais, a família em si, professores que percebem as mudanças de comportamento. O viciado geralmente procura se isolar. Não consegue assistir aulas, não conseguem interagir com pessoas diferentes do seu círculo de convivência natural, no caso viciados como eles. Isso provoca o seu afastamento social, o que causa também a sua marginalização pela sociedade que o vê como um indivíduo nocivo à sociedade por ter comportamentos considerados anormais perante à sociedade contemporânea. Isso pode-se chamar de isolamento. A tendência inicial de um dependente químico é abandonar a escola,

² TIBA, Içami. **Juventude & drogas: anjos caídos: para pais e educadores** São Paulo: Integrare, 2007, p.126.

posteriormente ele não consegue permanecer em nenhum emprego por muito tempo, e acaba na maioria das vezes em situação de rua. Geralmente viram andarilhos, pois a família acaba não suportando a situação e abandona o indivíduo, ou as vezes eles mesmos decidem sair de casa e vão procurar meios alternativos para conseguir a droga como roubar, prostituir-se, ou até mesmo traficar para conseguir uma porção para usar.

A tão falada “compulsão” faz com que o viciado chegue a extremos para conseguir a droga. A pessoa viciada em cocaína pode até morrer de overdose.

"Essa vontade tão forte é a compulsão, lembra um estado psicótico, e pode levar o cocainômano a morrer de overdose".³

Nessa citação tão veemente e afirmativa podemos ter uma noção do vício da cocaína que é um dos mais nocivos para saúde dos usuários. Essa aliada ao crack que é um dos seus derivados fazem grande estrago nos usuários e também na sociedade. A maioria dos crimes cometidos hoje estão relacionados com o uso de drogas. Sejam assaltos, roubos e homicídios. Mesmo com tantos homicídios e mortes relacionadas às drogas, o número de usuários tem aumento de forma alarmante. Como mostra a citação;

"Morrem muito mais craqueiros que cocainômanos. Mesmo que se escape dos homicídios, suicídios e overdoses, a sobrevida aqui é muito curta. Ainda assim, sua população cresceu assustadoramente[...]"⁴

Além desse autor que menciona a cocaína e seus efeitos devastadores contra a sociedade atual, temos também o doutor em sociologia Argemiro Procópio, que é especialista sobre o assunto e foi um dos primeiros acadêmicos a ligar o narcotráfico ao contrabando de riquezas nacionais, foi jornalista em O Diário em Belo Horizonte e detido pela ditadura militar, deixando o Brasil em 1972. Ele menciona o poder financeiro da cocaína e sua influência na economia dos países americanos. Como o seu poder financia a indústria e a agricultura nesses países.

Não há como esconder que a cocaína, em menos de três décadas, integrou as Américas em um esquema de contravenção sem paralelo na história. Grande fluxo humano, movimentação de capitais, emprego e estratégias montadas para a lavagem de dinheiro incrementam o setor industrial, agropecuário, financeiro e de construção civil nos países americanos[...]⁵.

³ TIBA, 2007, p. 50.

⁴ TIBA, 2007, p. 78.

⁵ PROCÓPIO, Argemiro. **O Brasil no mundo das drogas**. Petrópolis: Vozes, 1999, p.14.

Ele ainda menciona os fatores que segundo ele influenciam e produzem um ambiente propício para o crime. Ele culpa a classe política e o funcionalismo público que com seus altos salários causam um espírito de revolta e indignação.

Falar em descriminalização das drogas soa como heresia. Esquece-se, entretanto, de que existem poderosos grupos que lucram com as drogas na ilegalidade. No Brasil, o jogo do bicho é caso exemplar: ele até hoje é considerado atividade ilícita, porque certamente, como contravenção, enriquece numerosos segmentos ligados à classe política dirigente e segmentos da força policial⁶.

Ele também discute adiante sobre fatores que podem estimular o crime, fatores esses presentes em nossa sociedade e que vivemos principalmente nos dias atuais. Há um descaso com a saúde pública, com a escola, com o trabalhador, tudo isso influencia a prática de crimes e também faz com que o cidadão se sinta menosprezado e possa até se drogar para fugir da realidade. São coisas que impactam diretamente na formação do cidadão. A desigualdade social é muito revoltante e as vezes se torna intolerável para muitos. Fatores econômicos são gatilhos para muitos recorrerem a práticas de fugas sociais e crimes, porque não?

Salários desproporcionalmente altos, principalmente se comparados aos vigentes nos países ricos, pagos a determinados segmentos do funcionalismo público, em uma sociedade onde existe gente sem escola, sem assistência médico-hospitalar e com desnutrição, criam na sociedade ambiente cultural de insatisfação e revolta extremamente propício para o crime⁷.

Essa colocação do autor citada acima reforça ainda mais a ideia de impunidade em que vivemos hoje. Se os políticos são corruptos porque vamos ser honestos. E muita gente que está desempregada ou tem um serviço onde recebe baixos salários passa a procurar uma atividade mais rentável e de maior risco, mas que para muitos, vale a pena correr o risco.

Para um melhor conhecimento da situação de crimes relacionados ao uso ou tráfico de drogas procurei reportagens em um jornal local de Uberlândia que foi extinto recentemente, mas que tem seu acervo preservado no Arquivo Público Municipal. Estou falando do jornal “Correio”, um dos jornais mais tradicionais de Uberlândia onde verifiquei algumas reportagens relacionadas as drogas, no período do ano 2000-2015. Comecei com o ano 2000, 2001, 2002, 2005, 2010 e 2015. Ao todo, seis trechos de

⁶ PROCÓPIO, 1999, p. 235.

⁷ PROCÓPIO, 1999, p. 235.

reportagens para demonstrar que todos os dias nesse período teve alguma reportagem envolvendo a questão das drogas em nossa cidade. Começamos com o ano 2000:

CPI do Narcotráfico tem mais 2 reuniões

A CPI do Narcotráfico, instalada pela Assembleia Legislativa de Minas, já está com duas reuniões confirmadas para as primeiras semanas de janeiro do ano 2000. A primeira seria ontem, às 14 horas, quando os deputados esperavam manter um contato com o traficante foragido Fernando Beira-Mar, que estava disposto a falar aos membros da CPI [...]⁸

Nessa época o então senhor do tráfico achava-se foragido e foi aberta uma CPI para investigar as fugas de traficantes do sistema penitenciário. Um esforço que ao meu ver é uma tremenda perda de tempo. Se houvesse uma punição rigorosa contra traficantes, e se as autoridades se preocupassem com o bem-estar da população, não precisaria abrir CPI, muito menos o governo teria preocupações com presos, pois eles diminuiriam se houvesse um sistema político preocupado com o bem do cidadão. Mas aqui é o Brasil, infelizmente a impunidade e a corrupção andam de mãos dadas nesse país.

Considero uma necessidade urgente reformular o nosso código penal, principalmente o estatuto da criança e do adolescente⁹. Um menor quando comete um crime como homicídio, fica preso no máximo por três anos e depois é devolvido às ruas onde pode continuar a sequência de seus crimes. Isso é um absurdo, uma verdadeira demonstração de conivência com o crime por parte das nossas autoridades. Essa lei dá suporte ao menor infrator e o incentiva a permanecer na prática criminosa, sabendo que a sua punição é mínima e quase inexistente. Eu penso que quem elaborou esse código penal, ou melhor essa constituição agiu de má fé, ou melhor fez isso visando seus próprios interesses, para se beneficiar dela no futuro. Isso fica bem claro hoje quando assistimos um jornal falando de punição a políticos corruptos. É uma piada, muito sem graça.

Mas, continuando com as reportagens do jornal “Correio”, outra relativo ao tema que estamos tratando, fala de apreensão de drogas:

Nove quilos foram pegos ontem à tarde

⁸ Jornal Correio, Uberlândia, 4 de janeiro de 2000, p.B-3.

⁹ O ECA foi criado em 13 de julho de 1990, por meio da lei 8.069, com o objetivo de preservar os direitos dos indivíduos que ainda estão em fase de desenvolvimento.

Patrulheiros da Polícia Rodoviária Federal de Uberlândia apreenderam no início da noite de ontem nove quilos de maconha e prenderam um homem acusado de ser o proprietário da droga. Uma outra pessoa, que estava com o suposto traficante, fugiu ao ver a chegada dos policiais [...]¹⁰

Esse é mais um trecho de uma reportagem que fala sobre o tráfico de drogas na região. As ocorrências são contínuas nas páginas policiais desse jornal. Se fôssemos observar todos os dias tem ocorrências relativas às drogas como tráfico, homicídios e outras. Agora outra relativo à prisão por furto e receptação.

Presos por furto e receptação

Seis pessoas, entre elas duas mulheres, foram agarradas

Seis pessoas, entre elas duas mulheres, foram presas ontem à tarde acusadas em residências, tráfico de entorpecentes e receptação. A prisão delas ocorreu a partir de uma denúncia anônima feita à Rotam de que dois homens tinham sido vistos tentando arrombar uma moradia. Com eles, teriam sido encontrados oito buchas de maconha, uma pedra de crack e vários objetos supostamente recebidos em troca de droga [...]¹¹

A reportagem não está inteira, mas dá para se ter uma noção da motivação do furto, o que nos leva quase sempre à questão das drogas em nossa cidade, e como esse tipo de crime tem aumentado no decorrer dos anos 2000. Já estava crítico antes da virada do milênio, mas a situação se agravou bastante ao longo desses anos. Depois dessa ocorrência que foi no ano de 2002, resolvi investigar mais à frente, e observei o mesmo jornal, porém no ano de 2005.

Militares prendem dois com armamento e droga

Dois homens foram presos ontem no bairro Daniel Fonseca, em Uberlândia com três revólveres e uma réplica de pistola, maconha e vários objetos, segundo a Polícia Militar, possivelmente produtos de furto. Fernando Cruz e Chester Luís Félix, ambos com 27 anos, foram autuados em flagrante e conduzidos à Delegacia de plantão [...]¹²

Mais um relato sobre furto relacionado ao porte de armas e drogas. Parece um replay, mas isso ocorre diariamente em Uberlândia e com o aumento da população, principalmente de pessoas que emigram para cá em busca de emprego e oportunidades, aumentam também o número de criminosos. A cidade cresce e aumenta também a quantidade de traficantes e usuário de drogas. É uma situação quase que inevitável. Temos que nos adaptar a essa situação que não é só regional, mas nacional. Ainda pesquisando no jornal correio colocarei mais dois trechos de reportagens, uma do ano 2010 e outra de 2015, para fechar a análise com o periódico.

¹⁰ Jornal Correio, Uberlândia, 13 de janeiro de 2001, p.B-16

¹¹ Jornal correio, Uberlândia, 3 de janeiro de 2002, p.B-4.

¹² Jornal Correio, Uberlândia 3 de fevereiro de 2005, p.A-6.

Quem comanda o tráfico na cidade? A polícia já identificou se há um grupo ou pessoas que comandam o tráfico e como combatê-los?

Na verdade, nós não temos só pequenos traficantes presos. Em 2009, a polícia desenvolveu ações de pessoas que têm certa ascendência no tráfico de drogas. Tanto a PM quanto a Polícia Civil e a Polícia Federal realizaram ações que resultaram em apreensões expressivas, inclusive uma última apreensão da PC, chegando a quase uma tonelada [...] ¹³

Para finalizar com a parte de reportagens do jornal Correio, vamos dar um salto para o ano de 2015.

Primeiro homicídio de 2015 é registrado em Uberlândia

Jovem é atingido com dez tiros na frente da família. O primeiro homicídio em Uberlândia, foi registrado na terça-feira (6), na rua Manchester, bairro Jardim Europa, zona oeste da cidade, Artur Ferreira Gonçalves, de 24 anos, foi atingido por dez tiros na frente da família. Dois suspeitos do crime foram identificados e um deles foi detido na Delegacia de Plantão da Polícia Civil, mas nega envolvimento na morte...

A vítima também tem passagens pelo sistema policial, alguma por envolvimento com drogas. Em 2014, foram registradas 159 mortes violentas. [...] ¹⁴

Na reportagem acima podemos perceber a quantidade de homicídios ocorridos em 2014 totalizando 159 mortes, e nas reportagens selecionadas acima, percebe-se que a maioria de furtos e roubos na cidade, estão relacionados ao uso de drogas. As drogas influenciam bastante a violência e a maior parte das ocorrências policiais. Isso é uma situação bastante preocupante e que precisa de mais atenção não só das autoridades como da própria sociedade. É um problema municipal e que tem que ser dado a devida atenção.

A Subsecretaria de Políticas sobre Drogas (Supod) foi criada em 2003, com a finalidade de implantar a Política Estadual sobre Drogas em Minas Gerais, tendo como objetivo a atenção ao usuário ou dependente químico. Além de suporte social ao dependente, é responsável pela interlocução com os municípios, por meio de conselhos municipais de política públicas sobre drogas. A política desenvolvida em Minas Gerais unifica estratégias de prevenção, atenção ao dependente químico, assistência especializada e mobilização comunitária através do diálogo com vários setores da sociedade ¹⁵.

A Supod interage com vários setores da sociedade, inclusive com comunidades terapêuticas em todo o estado de Minas Gerais. Entre as comunidades terapêuticas de

¹³ Jornal Correio, Uberlândia, Domingo, 3 de janeiro de 2010, p. A-6

¹⁴ Jornal Correio, Uberlândia, quinta-feira, 8 de janeiro de 2015, p.A-6.

¹⁵ Sobre drogas. Disponível em: <http://www.defesasocial.mg.gov.br/sobredrogas>.

Uberlândia citadas pela (Supod) estão Grupo Salva Vidas e (SER) - Serviço Evangélico de Reabilitação.

Por meio do número 155-SOS Drogas, os cidadãos recebem informações sobre localização e serviços de assistência ao dependente químico. Há também equipes formadas por psicólogos e assistentes sociais, que atendem familiares de usuários de drogas em seus domicílios.

As Comunidades terapêuticas são instituições privadas sem fins lucrativos geralmente mantidas pelo poder público que oferecem acolhimento gratuitamente para pessoas com transtornos decorrentes do uso, abuso ou dependência de drogas. A internação é voluntária em um ambiente residencial. O tempo de internação pode chegar a 12 meses. No tempo de tratamento o dependente deve se submeter ao tratamento e às regras do estabelecimento. A comunidade terapêutica também deve observar os seguintes critérios:

- O respeito à pessoa e à família, independente do credo religioso, etnia, orientação sexual, antecedentes criminais ou situação financeira.
- A orientação clara ao usuário e seu responsável para as normas e rotinas da instituição, incluindo critérios quanto a visitas e comunicação com familiares e amigos.
- A permanência voluntária.
- A vedação de qualquer tipo de contenção física, isolamento ou restrição à liberdade.
- A possibilidade de o usuário interromper a permanência a qualquer momento.
- A privacidade, quanto ao uso de vestuário próprio e objetos pessoais[...] ¹⁶.

Política Nacional sobre Drogas

(1998) O Brasil dá início à construção de uma política nacional específica sobre o tema da redução da demanda e oferta de drogas. Depois da realização da XX Assembleia Geral Especial das Nações Unidas, na qual foram discutidos os princípios diretivos para a redução da demanda de drogas, aderidos pelo Brasil, que as primeiras medidas foram tomadas. O Conselho Federal de Entorpecentes (COFEN) foi transformado no Conselho Nacional Antidrogas (CONAD) e foi criado a Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD), diretamente vinculada à, então, Casa Militar da Presidência da República.

(2002) Com a missão de coordenar a Política Nacional Antidrogas, por meio da articulação e integração entre governo e como Secretaria Executiva do Conselho Nacional Antidrogas, coube à SENAD mobilizar os diversos autores envolvidos com o tema para a criação da primeira política brasileira. Assim por meio do Decreto Presidencial nº 4.345 de 26 de agosto de 2002, foi instituída a primeira Política Nacional Antidroga- PNAD.

¹⁶ Observatório Crack, é possível vencer. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/observatoriocrack/index.html>

(2003) O presidente da república apontou a necessidade de construção de uma nova Agenda Nacional para a redução da demanda de oferta de drogas no país que viesse a contemplar três pontos principais:

- A integração das políticas públicas setoriais com a política de drogas visando ampliar o alcance das ações.

- Descentralização das ações em nível municipal, permitindo a condução local das atividades da redução da demanda, devidamente adaptadas à realidade de cada município.

- Estreitamento das relações entre sociedade e comunidade.

(2004) Realinhamento e atualização da política, por meio da realização de um Seminário Internacional de Políticas Públicas sobre Drogas. A política passou a ser chamada de (PNAD), Política Nacional sobre Drogas.

(2006) A Senad coordena um grupo de trabalho que assessora um grupo de parlamentares e que aprova a lei nº 11.343/2006, que instituiu o (SISNAD), Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas.

A lei 11.343/2006 colocou o Brasil em destaque no cenário internacional, que instituiu o SISNAD e inseriu medidas de prevenção, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas. Ela serviu para diferenciar usuário/dependente e traficante, os quais passaram a ser tratados de modo diferenciado.

(2008) Instituída a lei 11.754. A nova lei alterou o nome da Secretaria Nacional Antidrogas para (SENAD), Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas.

(2011) Transferência da SENAD para o Ministério da Justiça afim de reduzir a demanda de oferta de drogas, dando prioridade ao enfrentamento ao tráfico.¹⁷

Mas já falamos de leis, de secretarias, mas agora vamos falar de Bauman, que analisa muito bem os problemas da sociedade moderna através do seu livro “O mal-estar da pós-modernidade”. Estou falando do sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Ele atribui os problemas sociais atuais à pós-modernidade. Para se construir uma sociedade perfeita e organizada nos dias atuais, a solução mais óbvia e a mais usada é a exclusão. Excluem-se os mais pobres, os doentes, deficientes, os viciados, os negros, os socialmente incompatíveis com o modelo padrão da sociedade moderna.

Segundo Bauman:

A civilização se constrói sobre a renúncia ao instinto. Especialmente- assim Freud nos diz – a civilização, (leia-se; a modernidade)”, impõe grandes sacrifícios” `sexualidade e agressividade do homem” (...). Os prazeres da vida civilizada, e Freud insiste nisso, veem num pacote fechado com os sofrimentos, a satisfação com o mal-estar, a submissão com a rebelião. [...] ¹⁸

Renúncia ao instinto. É muito difícil e frustrante renunciarmos aos nossos instintos e vontades, desejos. Na verdade, a vida moderna é feita de renúncias e de

¹⁷ Políticas sobre drogas. In: Ministério da Justiça e Segurança Pública- Governo Federal. Disponível em- www.justica.gov.br/sua-protecao/politicas-sobre-drogas.

¹⁸ BAUMAN, Zygmunt, 1925- O mal-estar da pós-modernidade/ Zygmunt Bauman. Tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama: revisão técnica Luís Carlos Friedman- Rio de Janeiro: Jorge ZaharEd, 1998, p.8.

escolhas, muitas destas impostas pelo sistema que determina a ordem a ser seguida. E essas imposições e determinações podem gerar um grande mal-estar na maioria das pessoas, principalmente naquelas que não se adequam ao sistema e que são coagidas a agir dentro da lei. A vida moderna impõe um enorme fardo para os cidadãos modernos, que têm que assimilar de uma maneira quase que automática os modelos a serem seguidos para que você seja um cidadão modelo para uma sociedade consumista e exclusivista. Bauman cita Freud, quando se refere a renúncia forçada, à compulsão, supressão e escassez de liberdade.

Freud falou em termos de “compulsão”, “regulação”, “supressão” ou “renúncia forçada”. Esses mal-estares que eram a marca registrada da modernidade resultaram do excesso de ordem e sua inseparável companheira- a escassez de liberdade. [...] ¹⁹

Analisando a citação acima podemos concluir que Freud entendia que o excesso de ordem provocava a escassez da liberdade. Mas essa ordem tão falada pode ser aplicada em outros países, mas no Brasil ela é quase inexistente. Nós temos muitas leis, mas elas parecem atingir apenas as classes mais baixas. A lei aqui não é para todos. Ela privilegia os corruptos e os malfeitores e pune os menos favorecidos. Existe ordem, mas para alguns. Isso se torna um motivo de revolta e indignação por parte da sociedade que não se vê representada. A política atual da nossa nação dá privilégio às classes mais abastadas e a uma elite dominante que não se importa com a maioria da nação que têm condições de vida precárias e passam necessidades econômicas, sociais e de saúde. Somos negligenciados por políticos corruptos e egoístas que exploram a Nação ao extremo, causando um espírito de revolta que favorece e estimula o aumento da criminalidade. Enquanto não se fizerem reformas políticas sérias que punam os infratores em crimes de corrupção, não teremos êxito em manter a ordem e muito menos combater traficantes e facções criminosas que dominam o nosso país como se fosse o quintal da casa deles. Isso é um absurdo e sugere a ideia de uma nação sem comando. É isso que vivemos hoje. Um mundo de desigualdade social, intolerância, compulsão excessiva, e desorganização administrativa. Vivemos a impunidade e a vergonha de ter o nosso país estampado nas manchetes dos principais jornais do mundo como um dos líderes em corrupção política e também em consumo e tráfico de drogas. Essas

¹⁹ BAUMAN, Zygmunt, Rio de Janeiro, 1998, pp.8-9.

diferenças sociais são motivos propulsores para as chamadas fugas sociais, como citei no início do trabalho na análise de PROCÓPIO.²⁰

Ainda falando sobre Bauman, ele menciona a preocupação com a “pureza” e obsessão com a “sujeira”. Para se conseguir purificar a sociedade recorrem à medidas extremas.

A busca da pureza moderna expressou-se diariamente com a ação punitiva contra as classes perigosas; a busca da pureza pós-moderna expressa-se diariamente com a ação punitiva contra os moradores das ruas pobres e das áreas urbanas proibidas, os vagabundos e indolentes. [...]²¹

Essa tentativa de purificar, de punir o que parece sujo, “o diferente”, o estranho é uma característica da pós- modernidade, e que apesar de arbitrária, impõe ao indivíduo pós-moderno certas obrigações traduzidas como “deveres” a serem cumpridos em nome da “ordem”. Essa palavra que foi inserida em nossa bandeira por positivistas, parece causar grandes males à maioria da população que se sente obrigada, ou melhor é obrigada a seguir um padrão de “civilização”. Essa palavra vista como forma de progresso, muitas vezes soa como coibidora da liberdade e opressora dos direitos de ir e vir do cidadão. Afinal nós somos coagidos a agir dentro de uma lei que nos é imposta por uma minoria dominante que nos obriga a fazer coisas que as vezes para muitos de nós não é o correto. Como votar, por exemplo. O Brasil se intitula como uma democracia. No entanto nós somos obrigados a votar. Se somos obrigados, isso não é democrático. É uma obrigação que nos é imposta por dirigentes que têm interesse no voto. Se o voto é obrigatório, ele não é democrático. Então essas contradições soam como uma “ditadura” disfarçada de democracia.

Outra questão é a corrupção política. ” Fulano desviou milhões de dólares em...”. Aí o indivíduo ouve aquilo e pensa: Poxa se os políticos roubam porque eu vou trabalhar? E o pior nessa questão é a impunidade e como os chamados crimes do “colarinho branco” são tratados no Brasil, onde quantias exorbitantes são desviadas e transferidas para paraísos fiscais distantes, e como o ladrão comum é punido diferentemente dos que roubam a nação e continuam impunes e quando muito pegam uma condenação branda como prisão domiciliar, e quando são presos ficam em sela especial e por pouco tempo. Isso causa indignação e estimula o crime, pois o exemplo

²⁰ PROCÓPIO, Argemiro. Petrópolis, RJ,1999, p. 235.

²¹ BAUMAN, Zygmunt. Rio de Janeiro,1998, p.26.

tinha que vir de cima. Ocorre uma banalização do crime, e a impunidade de alguns e a punição daqueles que são de classes mais baixas causa revoltas, insatisfação e estimula a violência.

A preocupação dos nossos dias com a pureza do deleite pós-moderno expressa-se na tendência cada vez mais acentuada a incriminar seus problemas socialmente produzidos.²²

Os problemas sociais que ocorrem hoje no Brasil são reflexos de uma política corrupta e de uma elite dominante totalmente egoísta e descompromissada com a situação social das classes menos favorecidas. Há um desleixo e negligência com os problemas sociais, como tráfico de drogas, violência urbana, doméstica, também um descaso com a saúde pública e um abuso de autoridade obrigando o trabalhador a pagar os rombos que fizeram na previdência e tantas falcatruas que estamos com o ouvido calejado de escutar, mas que sabemos que sempre acabam em pizza, e que por mais que falamos as coisas parecem sempre caminhar para a impunidade de cada dia.

Não se faz nada para impedir tantos abusos e tudo permanece na mais absoluta bagunça que para muitos se torna normal, pois já se acostumaram a ser explorados, enganados e como cães, “adestrados” no sistema da corrupção e impunidade”. Esses problemas sociais e políticos causam o caos e a desordem e dão um certo livre arbítrio para que malfeitores e pessoas de má índole se aproveitem da vulnerabilidade do Estado para praticarem crimes como tráfico e etc.

As pessoas que precisam de um escape, ou alívio para seus problemas buscam auxílio no vício, seja no álcool ou drogas. No caso do álcool, a medicina brasileira já defendia seu uso no início do século XX e exaltava os seus benefícios para a saúde.

O médico brasileiro Lindolpho Pinheiro dos Santos afirmava, em 1913, que os médicos antigos permitiam a embriaguez uma vez por mês, embora alertasse que este procedimento não devia ser seguido, já que não podemos suportar como nossos antepassados. Esta tradição tomava a bebida alcoólica como elixir da longa vida. [...]²³

O autor da citação feita acima ainda menciona o uso de bebidas alcoólicas por crianças e a tradição de se usar bebidas alcoólicas para acalmá-las e até fortalecê-las.

²² BAUMAN, Zygmunt. Rio de Janeiro, 1998, p.25.

²³ SANTOS, Fernando Sérgio Dumas dos. Alcoolismo: a invenção de uma doença. Campinas, SP, 1995, p.50.

Os relatos que a medicina nos legou a respeito do uso das bebidas alcoólicas compreendem, inclusive, as crianças. Em todos os países ocidentais existem referências a este costume. Na Escócia, a chupeta embebida em uísque era usada para acalmá-las; da mesma forma, em outros lugares, com o Kirsch e o cognac. Além de calmante, estes licores serviam, segundo tradições populares, para proporcionar um crescimento forte e sadio. [...] ²⁴

Portanto podemos concluir que a tradição de fazer o uso do álcool como medicinal é bastante antiga, e aliada ao mito de que a bebida era um excelente fortificante parece que tomou força em nosso país. Hoje temos um verdadeiro exército de adeptos dessa prática que arrasta muitos para um abismo sem volta. E a maioria que começa a beber cedo, não imagina que num futuro bem próximo, vai se tornar um alcoólatra. A preocupação da medicina com o excesso do uso do álcool começou com a expansão do capitalismo e a questão dos valores morais onde o indivíduo embriagado perdia a capacidade de se autodominar.

Cada vez mais a medicina tendia a aceitar o fato de que o cérebro era necessariamente alterado com o uso de qualquer bebida alcoólica, inclusive o vinho. O indivíduo intemperante teria, então, todos os sistemas vitais do seu organismo irremediavelmente afetados, e não apenas o sistema nervoso. Mas a maior preocupação dos médicos com relação aos alcoólicos era controlar os destemperos dos comportamentos sociais. ²⁵

SANTOS, discute a preocupação da maioria dos autores que tratavam do assunto do alcoolismo no século XIX com valores morais. Ele faz várias citações da época como esta de OLIVEIRA.

"Todas as qualidades morais desaparecem, sucessivamente nos alcoólicos; eles perdem, pouco a pouco, todo o sentimento de honra, do dever, de bons costumes e a noção do direito e da lei." ²⁶

O discurso da época era moral, bons costumes, dever, direito, palavras que nos rodeiam até hoje no projeto capitalista de “civilização”. Mas será que somos tão civilizados, ou somos animais enjaulados em um sistema que proíbe e exige demais dos cidadãos. E para escapar da proibição ou da reprovação, fazemos exatamente o oposto.

Santos coloca a mesma questão discutida por Bauman anteriormente quando fala da ordem:

²⁴ SANTOS, Fernando Sérgio Dumas dos. Campinas, SP, 1995, pp.50-51.

²⁵ SANTOS, Fernando Sérgio Dumas dos. Campinas, SP, 1995, p.54.

²⁶ OLIVEIRA, P.B. Tese da F.M.R.J. Op.cit., p.25. Citado por SANTOS, Fernando Sérgio Dumas dos. Campinas, SP, 1995, p.56.

"O Estado valia-se, logicamente, do “corpus” teórico da medicina higienista na medida em que a manutenção da ordem exigia." ²⁷

O sociólogo BAUMAN também insiste na questão da manutenção da ordem nos estados modernos, onde a classifica como a intensificação do mal-estar.

"Dentro da estrutura de uma civilização concentrada que escolheu limitar a liberdade em nome da segurança, mais ordem significa mais mal-estar." ²⁸

Podemos concluir que o excesso de ordem sufoca o indivíduo, produzindo um mal-estar que provoca problemas sociais como alcoolismo e vícios em geral. O indivíduo procura um apoio ou uma fuga nas drogas ou no álcool. Essa é uma forma indireta de resistência à estrutura imposta pelo sistema capitalista. A repressão policial no Brasil durante a República Velha era comum para corrigir aquilo que atrapalhava a ordem natural da sociedade.

A ação policial, voltada para coibir os desvios da ordem, transformou em lugar comum a expressão “ bêbado vagabundo”. No Brasil, durante a República Velha, era à polícia que cabia acompanhar, no cotidiano, as questões sociais relativas às classes pobres urbanas, utilizando-se do instrumental médico-jurídico para orientar suas ações. [...]²⁹

Observando a citação feita acima podemos notar que as políticas de coibir os desvios da ordem eram direcionadas às pessoas pobres. Vários teóricos do século XIX utilizavam o termo “ degeneração” para classificar desvios de conduta e tudo que era considerado “decadência” como na citação abaixo:

"O termo degeneração era utilizado com vários significados, mas todos indicavam, de maneira geral, um sentimento de declínio ou decadência em relação a um tipo mais perfeito, uma ideia de degradação." ³⁰

Essa ideia de degeneração das raças era muito usada pelo conde de Gobineau, amigo pessoal de D. Pedro II.

Na sociologia, o livro de Arthur de Gobineau Sobre a Desigualdade Inata das Raças (1853) definia a degeneração como processo histórico inevitável no qual as raças conquistadoras puras através da mistura

²⁷ SANTOS, Fernando Sérgio Dumas dos. Campinas, SP, 1995, p.58.

²⁸ BAUMAN, Zygmunt. Rio de Janeiro, 1998, p.9.

²⁹ SANTOS, Fernando Sérgio Dumas do. Campinas, SP, 1995, p.83.

³⁰ ADIALA, Júlio Cesar. Drogas, medicina e civilização na primeira república. / Júlio Cesar Adiala. - Rio de Janeiro, 2011, p. 117.

com raças inferiores puras perdem suas qualidades especiais e energia.
[...]³¹

O termo degeneração passou também a explicar outros problemas associados à loucura, principalmente apoiados na teoria da degenerescência de Morel.

A teoria da degenerescência formulada por Morel teria assim grande impacto sobre a prática psiquiátrica, na medida em que levava à ampliação da definição da doença mental, e na medida em que expressava uma intenção teórica de promover uma “conciliação do estudo e tratamento da alienação mental com os princípios que organizavam o estudo das doenças no restante da medicina. [...]”³²

Mas o que se tem feito para dar suporte aos dependentes químicos?

³¹ BORGES, Dain. “Inchado, feio, preguiçoso e inerte”: A degeneração no pensamento social brasileiro, 1880-1940. In: Teoria & Pesquisa, UFSCAR, n.47, jul. /dez.2005p.44 Ed. Digital <http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/view/44>. Acesso em 07/06/2017.

³² ADIALA, Júlio Cesar. Rio de Janeiro, 2011, p.118.

CAPÍTULO II

O DESEMPENHO DAS COMUNIDADES TERAPÊUTICAS NO TRATAMENTO E REABILITAÇÃO DE DEPENDENTES QUÍMICOS

Primeiramente vamos falar de ONGs; qual a definição para as tão faladas ONGS?

As ONGS são definidas como organizações não governamentais sem fins lucrativos. São associações do terceiro setor da sociedade civil, que se declaram com finalidades financeiras públicas e sem fins lucrativos, que desenvolvem ações em diferentes áreas e que, geralmente, mobilizam a opinião pública e o apoio da população para melhorar determinados aspectos da sociedade.³³

Comunidades terapêuticas são entidades que prestam serviços de apoio e atenção a pessoas que fazem o uso e abuso de substâncias tóxicas, em regime de residência ou outros vínculos de um ou dois turnos, segundo o modelo psicossocial. São instituições que têm por função a oferta de um local protegido. Esses locais exigem uma técnica e ética para que forneça suporte e tratamento aos usuários abusivos ou dependentes de substâncias psicoativas, durante período estabelecido de acordo com programa terapêutico adaptado às necessidades de cada caso. É um lugar cujo principal instrumento terapêutico é a convivência entre os residentes. Elas oferecem ajuda no processo de recuperação das pessoas, resgatando a cidadania, buscando encontrar novas possibilidades de reabilitação física e psicológica, e reinserção social.

Esses serviços, urbanos ou rurais, são conhecidos como Comunidades Terapêuticas. Essas Comunidades não podem executar o tratamento involuntário, ou seja, elas não podem fazer a remoção do paciente em sua casa e trazê-lo para a clínica. Sendo assim, o paciente e sua família são quem devem procurar o estabelecimento para fazer a internação.

Esses estabelecimentos que prestam assistências de saúde e que possuem procedimentos de desintoxicação e tratamento de residentes com transtornos decorrentes do uso e abuso de substâncias psicoativas, e que fazem uso de

³³ Senad. Observatório Brasileiro de Informações Sobre Drogas. Ministério da Justiça. Disponível em <http://www.obid.senad.gov.br/obid.Acesso> em 07-06/2017.

medicamentos a base de entorpecentes ou psicotrópicos e outros de controle especial, estão submetidos à Portaria SVS/MS nº 344/98- Regulamento Técnico sobre substâncias e medicamentos sujeitos a controle especial e suas atualizações ou outro instrumento legal que vier substituí-la.³⁴

As clínicas de recuperação ou comunidades terapêuticas são indicadas para pessoas que têm consciência de sua doença. Ele tem que se enxergar como doente, do contrário não poderá aceitar o tratamento. O ideal é procura uma assistência médica especializada, que esteja apta para ajudar o paciente nas crises de abstinência, evitando assim a desistência do tratamento.

No momento da internação é importante que seja feita a entrevista motivacional com o paciente, onde haverá um incentivo para a mudança, auxiliando-o a ponderar os prós e contras associados ao uso e reforçando os aspectos positivos.

"O tratamento deve ser explicado para o paciente e sua família de forma detalhada, quais são as regras colocadas e qual é a proposta."³⁵

Pesquisando mais sobre ONGs, agora em nossa cidade, observei uma monografia da UFU que trata sobre o tema, e buscando a sustentabilidade dessas entidades que se dizem filantrópicas, encontrei na monografia um trecho que diz que elas são subsidiadas pela prefeitura de Uberlândia.

A concessão de subvenções sociais por parte do município foi regulamentada através de uma lei promulgada em 02 de junho de 1993, de autoria do então vereador Onofre de Oliveira, a Lei n.º 5775. No artigo primeiro dessa lei era entendido que seria liberado a “ concessão de subvenções sociais, anual ou eventual, às entidades sem fins lucrativos”. “A subvenção, anual ou eventual, será concedida às entidades que prestam serviço em caráter permanente e continuado”. Afora isso, havia seleção quanto ao tipo de serviço que essas entidades deveriam prestar à população, de acordo com seu ramo de atividades, especificamente “ serviços essenciais de assistência social, saúde, de educação, de cultura e de desporto[...].”³⁶

As Ong's tinham como principal característica a sua independência e autonomia, mas hoje em dia elas são usadas por muitos como extensões de grupos políticos para fins eleitorais.³⁷

³⁴ Comunidades Terapêuticas. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/observatoriocrack/cuidado/comunidades-terapeuticas.html>.

³⁵ Idem.

³⁶ Lei nº 5775, Art.1º, & único. MEIRA, Júlio César. ONGs e Assistencialismo religioso Uberlândia-1980/2004. Monografia UFU 2005, p. 26.

³⁷ MEIRA, Júlio César. Ong's e Assistencialismo Religioso Uberlândia- 1980-2004. Monografia UFU 2005, pp. 31-32.

Essas Ongs que tem um papel de condicionar o indivíduo “inadequado” para os padrões da sociedade burguesa, como THOMPSON menciona em sua obra “ A formação da classe operária burguesa:

"As pressões em favor da disciplina e da ordem partiam das fábricas, por um lado, e das escolas dominicais, por outro, estendendo-se a todos os demais aspectos da vida: o lazer, as relações pessoais, conversação e a conduta".³⁸

Mas apesar de concordar em partes com a ideologia de Thompson sobre a imposição dos valores burgueses à toda sociedade capitalista, eu acho que pessoas que têm problemas com o vício devem ser auxiliadas a se livrarem do problema, é claro com o seu próprio consentimento e não como uma imposição da sociedade e da família, afinal todos nós temos o direito do livre arbítrio, onde a vontade pessoal deve ser respeitada. Acho muito válido a participação das Ong's ou comunidades terapêuticas no auxílio de reabilitação e inserção do indivíduo na sociedade. Embora, é claro, nem todas agem com o mesmo fim, pois algumas surgem para lucrar com a desgraça alheia, mas a maioria tenta ajudar.

Em busca de afirmações mais positivas sobre as ong's que tratam especificamente sobre dependência química, resolvi procurar algumas para ter uma noção básica de como funcionam e qual a sua metodologia de trabalho. Procurei primeiramente o Gruo Sarai, e fui atendido por um voluntário de nome Reis, que era um ex- interno da instituição e que ocupava um cargo de voluntário da obra após o período de internação. As comunidades terapêuticas costumam utilizar ex-residentes para realizar trabalhos voluntários na obra.

Mas como optei por fontes orais, baseado nas orientações sobre história oral, apoiando-me no texto que trata sobre esse tema de Alessandro Portelli³⁹. Busquei colocar para o meu entrevistado, os meus objetivos, deixando bem claro que não tinha a mínima intenção de prejudicar a obra e que a minha visita era voltada para realizar um trabalho de campo com os fins de divulgar a participação das comunidades terapêuticas na reabilitação de dependentes químicos. Ou seja, eu o deixei despreocupado quanto ao meu objetivo naquela entrevista.

³⁸ THOMPSON, E.P.A formação da classe operária inglesa. A maldição de Adão. Cap. Comunidade. Lazer e relações pessoais, p.292.

³⁹ Professor da Universidade de La Sapienza- Roma

Uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca. Os dois sujeitos, interagindo, não podem agir juntos a menos que alguma espécie de mutualidade seja estabelecida. O pesquisador de campo, entretanto, tem um objetivo amparado em igualdade, como condição para uma comunicação menos distorcida e um conjunto de informações menos tendenciosas[...]⁴⁰

Comecei a entrevista perguntando como era o funcionamento da casa e sua metodologia de trabalho.

O tratamento é oferecido para maiores de 18 anos, sexo masculino, com problemas de dependência química de drogas lícitas e ilícitas. A metodologia é feita através de trabalhos terapêuticos, regime interno, seis meses de internação. Uma fazenda agrícola, atividades de hortaliça, criação de gado para sustento próprio. Terapias em grupo com psicóloga, confecção de artesanato, com objetivo de desintoxicá-lo e reinseri-lo no ambiente de trabalho. [...] ⁴¹

Depois perguntei quem mantinha a obra e quem custeava. "A prefeitura tem pessoas que fazem doações, padaria, armazéns, Ceasa. Empresas da área de secos e molhados. A Igreja Assembleia de Deus." ⁴²

Perguntei se havia relações com religiosidade. Se havia atividades religiosas e quem as professava.

"Sim, trabalha-se na palavra de Deus, no caso a Bíblia. A instituição trabalha com a Igreja Assembleia de Deus. Tem pessoas específicas para ministrar a palavra, com a participação dos alunos com testemunho, etc." ⁴³

E ele continuou falando sobre o funcionamento e a participação da prefeitura:

"A verba da prefeitura (subvenção) é utilizada na provisão de pessoas sem condições (andarilhos, pessoas abandonadas pela família, idosos), para cobrir dez vagas." ⁴⁴

Ainda falando sobre terapia ele mencionou por último que:

⁴⁰ PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. Alessandro Portelli, tradução: Maria Therezinha Janine Ribeiro. Revisão técnica: Déa Ribeiro Fenelon, 1982, 1988, p.9.

⁴¹ G. Reis, funcionário voluntário da obra. Entrevista feita em 14 de outubro de 2016 no escritório do Grupo Sarai.

⁴² Idem

⁴³ G. Reis. Funcionário voluntário da obra. Entrevistado no escritório do Grupo Sarai no dia 14 de outubro de 2016.

⁴⁴ Idem.

O trabalho terapêutico é de duas horas na manhã e à tarde. Reunião com os familiares dos dependentes internados. A psicóloga da instituição orienta sobre a recuperação do dependente químico. A família passa a conhecer a dependência química e a tratar o dependente principalmente dentro de casa[...].⁴⁵

Após analisar a fala do voluntário Reis do Grupo Sarai, onde ele menciona que a família passa a conhecer a dependência química, lembro-me da reflexão de Içami Tiba, onde ele menciona o desconhecimento, na maioria dos casos, dos pais em relação aos filhos. Os pais têm a ideia do filho como anjo. É onde ele coloca a questão da síndrome do anjo caído.

Para a maioria dos pais, o filho é correto, um anjo. Protegem-no de tudo e contra todos, às vezes, demonstram a extrema fé de que seu filho nunca mente. Quando descobrem que o filho experimentou alguma droga, o anjo cai, começam a temer pelo futuro do jovem, e o desespero toma conta de todos. Sim, os filhos eram anjos e caíram, levando consigo toda a família ao sofrimento. [...] ⁴⁶

Essa orientação psicológica para a família e também o interno é de fundamental importância para o conhecimento do inimigo em comum que ambos enfrentam, ou seja, as drogas, o vício e suas consequências. Essa interação entre a comunidade terapêutica e os pais serve para uma maior interação entre ambos e também para esclarecer as dúvidas e os erros que não devem ser repetidos por pais e por dependentes químicos. O auxílio psicológico tanto na casa de recuperação, e depois da internação, quando o paciente volta para a casa é fundamental para que ele permaneça firme fora da comunidade terapêutica.

Evitar as antigas companhias, os amigos antigos que usavam drogas ou ainda usam, mudar os hábitos, arrumar um emprego, voltar a estudar. Tudo isso é fazer algo diferente. O “ex-dependente”, se é que existe um ex-dependente tem que mudar seus antigos costumes, procurar novas amizades que não estejam envolvidas com vícios. Muitos dos ex-usuários seguem o caminho da religião, principalmente os que se recuperam em comunidades evangélicas.

Infelizmente na época em que fiz a entrevista com o voluntário Reis, o Grupo Sarai estava em processo de eleição de um novo presidente, e também em processo de mudança. Então por esses motivos as entrevistas com os internos da instituição não me foram concedidas. Como eu precisava entrevistar dependentes químicos, procurei outras

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ TIBA, Içami. Juventude&drogas: anjos caídos/ Içami Tiba. - São Paulo: Integrare Editora, 2007, p.81.

instituições, mas só consegui ter êxito quando procurei o Desafio Jovem Peniel de Uberlândia. Fui recebido muito bem pela assistente social Adriana que prontamente me concedeu uma entrevista, e me deu um panfleto que explica como funciona a instituição.

O desafio jovem Peniel de Uberlândia é uma associação filantrópica fundada em maio de 1989, com a missão de contribuir para a restauração das famílias e atuar como centro de excelência na formação do caráter do ser humano. Possui reconhecimento de utilidade pública no âmbito Municipal, Estadual e Federal, justamente por seu histórico de benefícios sociais e comprometimento com trabalhos que promovam a qualidade de vida. Ainda segundo o que estava escrito no panfleto o objetivo da instituição é apoiar o dependente químico no processo de reabilitação psicossocial, bem como atuar na prevenção ao uso indevido de drogas.

O público alvo são indivíduos do sexo masculino, maiores de 18 anos, que queiram voluntariamente ingressar no tratamento, tendo este a duração entre quatro e sete meses. Ainda segundo o programa terapêutico, oferece:

- Atendimento psicológico individual e em grupo
- Dinâmicas
- Aconselhamentos
- Palestras educativas
- Eventos socializantes
- Atividades devocionais (oração, estudo bíblico, música)
- Atividades desportivas (vôlei, futebol, peteca, piscina, dama, campeonatos e torneios)
- Trabalho ocupacional (oleicultura, suinocultura, tratos culturais, culinária, lavanderia, higienização das instalações e similares).

Além dessas atividades, a instituição oferece um grupo de apoio às famílias, com reuniões semanais, preparando-a para o retorno do dependente químico, apoiando-a no processo de cura de sua dependência e oferecendo conhecimentos diversos ligados à dependência química.

GRUPO DE CONVIVÊNCIA- PÓS TRATAMENTO

Este grupo foi criado para atender a demanda dos dependentes químicos da Comunidade Terapêutica Peniel após o período de tratamento, e possui os seguintes objetivos: Oferecer apoio aos participantes, redirecionar queixas e desafios encontrados pelos participantes do grupo, oportunizar um ambiente de diálogo, confiança e troca de experiências. Proporcionar informações e atendimento visando a diminuição das tensões familiares e sociais.

AÇÕES PREVENTIVAS

- Primária – Palestras em escolas, empresas e comunidades em geral
- Secundária – Aconselhamentos e orientações

- Terciária - Internação.⁴⁷

Além das informações colhidas neste panfleto eu entrevistei a assistente social Adriana Gomes da Cruz e perguntei como a obra funcionava.

"É uma Ong, instituição filantrópica. Tem convênio do município, cartão aliança pela vida. E pelo governo federal CENAD. Tem capacidade para atender 30 pessoas somente do sexo masculino, maior de 18 anos. [...]"⁴⁸

Continuando com a entrevista perguntei quem mantinha a casa e se havia relação com religiosidade, e ela me respondeu;

"A igreja Peniel ajuda financeiramente. A instituição é evangélica e explicam isso para o interno. Caso não concorde em ficar na instituição por ser de outra religião, ele é orientado a procurar outra instituição. [...]"⁴⁹

E continuando perguntei sobre a terapia ocupacional. Como funcionava, se tinha trabalho manual.

"Além dos trabalhos de manutenção da fazenda, temos cursos de informática, um educador físico. No lazer, tênis de mesa, pebolim, piscina e futebol. [...]"⁵⁰

Depois dessa entrevista com a assistente social Adriana, fiquei esperando até que ela conseguisse a liberação do pastor para que eu entrevistasse os internos. Isso demorou quase um mês, mas finalmente depois de muito transtorno, consegui as entrevistas. Nos sábados o Grupo Peniel desenvolve um trabalho de grupo para as famílias das 17:00 às 18:20 h, e para os dependentes das 18:30 às 19:30 h.

No dia 03 de junho de 2017, no sábado, fui à reunião com o intuito de chegar mais cedo e encontra os internos antes que eles entrassem para a reunião. Acontece que o pastor estava na portaria e havia chegado um ex-interno que veio participar, e o pastor me perguntou se eu queria entrevista-lo, e como ele havia passado pela instituição eu concordei, e comecei perguntando sobre a idade e o tipo de substância que ele usava. O pastor me orientou a não colocar o nome completo dos entrevistados para não os expor, pois já tinha tido problemas com o código de ética por causa disso. Então ficou

⁴⁷ Informações obtidas através de panfleto do Desafio Jovem Peniel- Comunidade Terapêutica. R. Maria Dória Cunha, 269, B. Jardim Finotti- Uberlândia-Mg, djpeniel@triang.com.br

⁴⁸ Adriana Gomes da Cruz. Assistente social do Grupo Desafio Jovem Peniel. Entrevista feita em 05 de maio de 2017.

⁴⁹ Idem

⁵⁰ Ibidem

acordado que eu iria colocar somente as iniciais do nome dos entrevistados. Comecei então a entrevista:

"Meu nome é F.H.S., tenho 23 anos e o meu vício era cigarro, cocaína e maconha. O que me levou ao vício foi curiosidade e más influências[...]"⁵¹

Perguntei porque ele procurou a casa de recuperação. Ele respondeu que:

"Melhorar meu bem-estar, voltar à sociedade novamente[...]"⁵²

Perguntei se ele havia tido recaídas e se trabalhava, e o que ele fazia para se sustentar sem o vício aqui fora da instituição.

"Tive recaídas, voltei para a Peniel e depois saí. Trabalho com meu tio mexendo com gesso. Procuro o poder de Deus, o poder superior me ajuda. [...]"⁵³

Percebe-se no depoimento acima a importância que o interno dá à fé em Deus, no poder superior, que segundo ele o sustenta. Há de se salientar a importância do trabalho e o apoio da família, no caso dele, o tio o empregou. Isso é um sinal de confiança que ajuda muito na autoestima do ex-dependente que está buscando uma nova oportunidade de se reinserir na sociedade. Se ele não encontra quem lhe dê serviço, ou lhe demonstre confiança, como o tio teve nele, isso seria um forte incentivo para que ele voltasse para as drogas. O apoio familiar é essencial para que o ex-adicto se insira no contexto da sociedade.

Depois de entrevistar o F.H.S, chegou mais um ex- interno da Peniel, junto com a esposa. Começou a falar do seu passado e então eu aproveitei a oportunidade e pedi para entrevistá-lo. Ele concordou prontamente. Então ele começou a contar a sua história.

Meu nome é B.C. S., tenho 40 anos e o meu problema era o álcool e cigarro, já usei cocaína e maconha. Quando eu tinha 10 anos de idade, perdi minha irmã de sete anos. Comecei a ter sentimento de culpa, e aos doze anos comecei a beber. Não era compulsivo. Aos dezesseis anos comecei a usar maconha e fumar cigarro. Aos dezoito anos comecei a usar cocaína. Eu usava e conseguia trabalhar. Em 2007 desandei mesmo. Vinha depressão, tentativa de suicídio. Já havia tentado antes, mas isso se tornou frequente. Em 2007 comecei a frequentar o CAPS através das psicólogas da prefeitura. Fiquei um

⁵¹ F.H.S. ex-residente do Grupo Desafio Jovem Peniel em 2014. Atualmente participa do grupo de apoio aos dependentes aos sábados na instituição. Entrevistado no dia 03 de junho de 2017.

⁵² Idem

⁵³ Ibidem

ano livre, mas recaí em 2008. Continuei só no alcoolismo e tabagismo até 2014, quando fui para o Salva-vidas e fiquei 45 dias. Vim para a Peniel em outubro de 2016 e fiquei até dezembro. [...]⁵⁴

Perguntei sobre o que ele achou da Peniel. Ele respondeu:

"A Peniel me ajudou bastante. Aqui eu tive um encontro com Deus, um concerto com Deus. [...]"⁵⁵

O depoimento do B.C. S. é muito triste e muito emocionante a trajetória dele no seu envolvimento com as drogas. Conversando com ele percebi que ele estava mesmo determinado a prosseguir sua vida sem usar drogas. Falei que ele tinha ficado apenas 45 dias internado em 2016, e que era muito pouco tempo, mas ele disse que estava firme. Eu percebi que as reuniões do grupo de apoio, são essenciais para que os ex-internos continuem se apoiando na instituição, e também para manterem o foco na sua recuperação. Afinal recuperação não é feita só em um dia, é a vida inteira. Não existe um ex-viciado. Existe o viciado, e enquanto ele mantiver o propósito de não se drogar, não experimentar, ele continuará firme na sua caminhada.

Depois dessa entrevista, eu liberei o B.C.S, para assistir a reunião e encontrei com a assistente social Adriana que retornava da reunião com os pais dos residentes e perguntei a ela se tinha jeito de eu falar com um deles. Ela prontamente me atendeu e mandou um rapaz que estava terminando o seu tempo de internação e eu entrevistei-o.

Perguntei seu nome e qual tipo de substância ele usava.

"Meu nome é F. M. C., tenho 29 anos, usava cigarro, álcool e crack. Comecei a beber e fumar com 13 anos. Comecei a usar crack com 15 anos. Com 16 anos eu já era uma pessoa totalmente dependente do crack [...]"⁵⁶

Quando ele fala que começou a usar crack com 15 e com 16 anos já era totalmente viciado, nós podemos notar que essa droga é uma das mais viciantes e devastadoras que existe, e é muito difícil de ser combatida, e também difícil de ser largada pelo usuário. Como Içami Tiba diz em seu livro anjos caídos.

⁵⁴ B.C.S. Ex- interno do Desafio Jovem Peniel em 2016. Entrevistado no escritório do grupo Peniel em 03 de junho de 2017.

⁵⁵ Idem

⁵⁶ F.M.C. residente no Desafio Jovem Peniel. Entrevistado em 03 de junho de 2017.

"Experimentou uma vez, está fígado!". O inconveniente é que seus efeitos passam ainda mais depressa que os da cocaína, o que torna o crack mais viciante e, por isso, mais dispendioso[...].⁵⁷

Depois dando segmento à entrevista, perguntei o que o levou a usar drogas.

Queria estar no meio das pessoas mais velhas, e queria estar no meio de pessoas descoladas. Depois com 16 anos, que eu fiquei compulsivo, comecei a roubar. Trabalhava no supermercado e perdi o emprego. Comecei a roubar dentro de casa, e depois fui roubar na rua, roubava casas. Tirei muita cadeia. Contado, picado, uns nove anos. Em 2008 por estar dando muito trabalho, a família resolveu me internar na marra. Aos 22 anos ou eu internava ou ia para a rua. Na pressão resolvi me internar. Me internei no Salva-vidas. Fiquei três meses dando muito trabalho. Eles me toleraram porque eu tinha um tio que era e-interno lá. Saí para a casa de um tio e fiquei 15 dias sem usar drogas. Nestes dias bolando alguma estratégia para usar. Saí da casa do tio com algum dinheiro e roupas. Escolhi a droga e a rua. Aí fiquei um dia e meio na rua e encontrei um ex- interno do Salva-vidas e fomos para Ribeirão Preto de carona. Conseguimos emprego como empacotadores de açúcar. Fiquei dois meses e voltei para Iturama e foram mais oito anos de afundamento. Afundi o que tinha para afundar. Perdi tudo. Eu decidi pedir ajuda para o mesmo tio que já havia me ajudado e ele decidiu me ajudar, e estou aqui a seis meses e 10 dias. Vou morar com meu tio, já tenho um emprego arranjado. A Peniel é como se fosse a minha segunda casa. Foi onde conheci Deus. Aqui transformou a minha vida. Sem essa casa eu não teria conseguido. Sem meu tio também eu não teria conseguido. Ele acreditou. [...] ⁵⁸

Eu perguntei como era a metodologia de trabalho na instituição para saber se estava de acordo com o que dizia no panfleto da instituição.

Acordamos cedo, tomamos café. Depois 40 minutos lendo a bíblia. Limpeza da casa. Eu olho a criação, tomo conta das vacas, tiro leite e olho gado. Tem acompanhamento psicológico três vezes por semana, acompanhamento psiquiátrico. O mais importante é a questão religiosa. Nada adianta sem você crer em Deus. A religião é o alicerce, é o fundamento principal de um adicto continuar em pé. [...] ⁵⁹

A gente nota nas três entrevistas a menção do poder de Deus e sua influência na vida desses jovens que começaram muito cedo no vício. E percebe-se o quanto sofreram, principalmente os dois últimos que tiveram um maior temo de vício, e mais intensidade. Um tentou o suicídio várias vezes, e o último ficou praticamente 9 anos preso. É muito tempo para um jovem. Praticamente toda a sua juventude foi

⁵⁷ TIBA, Içami. Juventude & drogas: anjos caídos/ Içami Tiba. - São Paulo: Integrare Editora, 2007. "Para pais e educadores", p.50.

⁵⁸ F. M. C. Residente no Desfio Jovem Peniel. Entrevistado em 03 de junho de 2017.

⁵⁹ Idem

desperdiçada. É claro que tem tempo ainda, afinal ele só tem 29 anos. Ainda tem tempo de sobra para recuperar o que se perdeu.

Nas duas últimas entrevistas os relatos são parecidos no que diz respeito ao primeiro contato com a droga. Ambos tiveram contato com o álcool muito cedo. Um com 12 e o outro com 13 anos. Geralmente as drogas consideradas lícitas são as primeiras a serem usadas. Depois procura-se algo mais forte, diferente. A maioria vai por curiosidade. No caso do F. M. C. ele disse que queria estar no meio de pessoas descoladas. No outro caso, o do B.C.S, ele diz que tinha sentimento de culpa por ter perdido a irmã. Eu não entrei em detalhes sobre isso, porque senti que era algo muito pessoal, e preferi não o perturbar com algo que eu percebi que mexia ainda muito com o sentimental dele.

Quanto ao primeiro entrevistado, F.H.S., ele fala que foi a curiosidade e as más influências que o motivaram a usar drogas. Já o psiquiatra Içami Tiba tem uma opinião totalmente diferente da registrada pelo entrevistado F.H.S, pois afirma que a vontade de usar já existe dentro da pessoa.

"Não são as más companhias que aliciam o filho ou fazem pressão para que ele use drogas, já existe dentro dele o desejo de experimentá-las. [...]"⁶⁰

Na entrevista do F. M. C. onde ele fala que começou a roubar, perdeu o emprego no supermercado, depois foi morar na rua e até foi para a cadeia, tendo puxado 9 anos ao todo. Isso ocorre com frequência com o usuário de crack. Ele chega ao fundo do poço, onde valores morais e éticos são completamente desprezados. Perde-se o mínimo de decência, e o usuário chega a praticar coisas inimagináveis para conseguir a droga.

"Se o dinheiro acabar, o usuário não tem o mínimo escrúpulo em roubar ou se prostituir para conseguir dinheiro. Quer dizer, o desejo pelo crack, acaba com todos os valores morais e éticos. [...]"⁶¹

Mas não é só o crack que provoca a destruição nos lares brasileiras e na juventude em especial. Existe uma droga considerada legalizada, e que provoca um verdadeiro caos na sociedade atual, causando mortes, destruição e muitos males e que não é combatida com a intensidade que se deveria. Aliás é até estimulada a ser usada, principalmente pelos meios de comunicação, como a televisão que promove

⁶⁰ TIBA, Içami. São Paulo, 2007, p.40.

⁶¹ TIBA, Içami. São Paulo, 2007, p.51.

constantemente comerciais de cerveja e outras bebidas alcoólicas, estimulando a população, principalmente os mais jovens a beber. O álcool é utilizado a anos para relaxar, aliviar as tensões do dia a dia, para enfrentar a timidez, e até para acalmar os nervos. O que não se leva em conta são os males que ele provoca. Mais da metade dos acidentes de trânsito são provocados pelo álcool. O Código Brasileiro de Trânsito permite que se bebam até duas latas de cerveja, duas taças de Vinho, uma dose de uísque. Apesar que com 0,1 g de álcool por litro de sangue, o risco de acidente aumenta.

"Segundo Daniel Goleman, em seu *Inteligência emocional*, acidentes relacionados com o álcool são a principal causa de morte entre jovens de 15 a 24 anos. [...]"⁶²

Como vimos na segunda entrevista do ex-interno da Peniel que disse ter tentado o suicídio várias vezes, podemos concluir que como ele era um alcoólatra crônico, esse tipo de comportamento é bastante comum. Onde Tiba fala dos males que o álcool pode provocar, vão desde problemas físicos, psicológicos e sociais.⁶³

Quando falamos de reabilitação temos que levar em conta que o indivíduo que quer mudar de vida, tem que se conscientizar de que é uma pessoa inadequada para viver na sociedade considerada “normal”. Então como vimos nas entrevistas, todos os depoentes falaram no poder de Deus em suas vidas. Que isso era essencial. Notem que em quase todas as comunidades terapêuticas, o poder divino é a metodologia mais aplicada, como podemos ver na citação abaixo:

Nos métodos de tratamento da CEAMI, em seus esforços para a adequação do dependente e sua posterior inserção na sociedade, a religião é o principal instrumento, uma vez que os princípios que regem a entidade, nas palavras do próprio coordenador, são a criação de valores espirituais, formação espiritual, reconstrução da autoestima, ou seja, princípios religiosos, condizentes com aqueles manifestados pela religião professada pelos diretores da entidade. [...]"⁶⁴

⁶² GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995. Citado por TIBA, Içami, São Paulo, 2007, p.63.

⁶³ TIBA, Içami. São Paulo, 2007, pp64-65.

⁶⁴ MEIRA, Júlio César. *Ong's e Assistencialismo religioso Uberlândia- 1980-2004*. UFU- Monografia 2005, p. 47.

A metodologia nas casas evangélicas é quase a mesma, com a religião sendo o ponto de partida para a reabilitação. "A leitura da Bíblia, os períodos de oração, e a palavra Deus, poder divino e espírito santo sempre estão presentes."⁶⁵

"Os internos dessas entidades ficam de seis a nove meses em regime fechado sobre rigorosa vigilância"⁶⁶. Vivem em conjunto, compartilhando suas experiências e participam das atividades propostas pela instituição, que geralmente é quase padrão para todas as comunidades terapêuticas. Geralmente acordam cedo, têm um período de oração e leitura bíblica, depois trocam de roupa, e iniciam os trabalhos de terapia ocupacional que vão desde a limpeza do ambiente, até cozinha, criação de gado e suinocultura. Algumas possuem horta. Outras também tem atividades de artesanato. O período de seis meses de internação é considerado o tempo ideal para que o corpo humano se desintoxique. Muitas instituições aboliram o tempo de permanência por nove meses por observarem que o interno que passa dos seis meses de internação desenvolvem uma ansiedade que segundo eles fazia com que muitos que ficavam os nove meses saíam e logo nas primeiras semanas retornavam ao vício. Então muitas instituições resolveram diminuir o tempo de permanência e investir na preparação psicológica do interno que seria mais produtivo e vantajoso. Algumas casas permitem que seus alunos saiam depois de quatro meses e visitem seus parentes para ver como se comportam, e se realmente estão aptos a conviverem aqui fora sem a droga.

Apesar da seriedade do trabalho das comunidades terapêuticas, existem casos que são difíceis de resolver, tem pessoas que passam anos internado em várias instituições, e não conseguem se libertar do vício. Um dos exemplos dessa situação achei em um relato de um interno. Ele demonstra a luta e o desespero das pessoas viciadas em crack, que é considerado o vício mais difícil para se obter uma recuperação.

Sou dependente químico, viciado em crack, há 15 anos, já fiz várias internações, essa é a décima internação, e na maioria das internações eu cumpro toda internação, todo programa terapêutico sugerido, é, inclusive nos últimos dez anos, eu tenho passado oito anos e meio em comunidades terapêuticas, é uma luta muito grande porque o vício do crack ele entrou na minha vida devagar. [...]⁶⁷

⁶⁵ MARTINS, José Valdinei. Drogas e Violência. Conjecturas, ações e perspectivas na cidade de Uberlândia (1994-2000) - monografia UFU 2015, p.43.

⁶⁶ MEIRA, Júlio César. Ong's e Assistencialismo religioso Uberlândia- 1980/2004. Monografia UFU 2005, p.47.

⁶⁷ MARTINS, José Valdinei. Drogas e Violência. Conjecturas, ações e perspectivas na cidade de Uberlândia (1994-2000) - Monografia UFU 2015, p.43.

De todas as drogas usadas, o crack é sem dúvida nenhuma uma das mais devastadoras e mortais. Para consegui-la o dependente faz de tudo. Rouba, extorque, se prostitui. Nesse submundo há muitos suicídios, delírios, alucinações, infarto, hemorragia cerebral e até a morte.

O subsolo do crack é escuro, sujo, fétido,
Com pessoas caídas e largadas aqui e acolá.
Muitos morrem sem socorro, outros são
Assassinados por causado crack.
Ninguém confia em ninguém. Todos são vítimas[...] ⁶⁸

Para se enfrentar um inimigo tão devastador é preciso ter apoio e querer ajuda. É muito difícil que uma pessoa que esteja viciada no crack e em situação de rua, consiga se libertar. A grande maioria morre nas ruas como indigentes, pois quando vão para as ruas é porque a família não quer mais. Já chegou no limite do suportável. E também vem a questão do indivíduo que se encontra muito viciado no crack, onde ele não tem mais laços afetivos com ninguém, não ser com a droga. Esses indivíduos superviciados não querem a companhia de pessoas, só do crack. Essas pessoas se transformam em verdadeiros Zumbis ambulantes. É como vivem na Cracolândia, o tempo todo se drogando. Esse passa a ser o cotidiano deles.

Todos os vícios são tristes de uma maneira geral, mas o álcool e o crack, são devastadores de famílias e de pessoas. Eles destroem a moral, os valores éticos, destroem fisicamente e psicologicamente. Hoje eu considero que apesar de todas as drogas serem prejudiciais ao ser humano, o crack e o álcool são as drogas mais destrutivas na sociedade atual, brasileira e Uberlandense. E além de destruírem a própria família, destroem outras famílias que se tornam vítimas de roubo, homicídio, latrocínio, onde a maioria dessas ocorrências tem a ver com o uso de drogas. O viciado rouba para sustentar seu vício. Nada vai detê-lo ou impedi-lo de satisfazer sua compulsão pela droga. As primeiras vítimas são a família como vimo em depoimentos anteriores.

Agora eu pergunto. Se o indivíduo dependente químico rouba a sua mãe, sua avó, seus entes queridos mais próximos, ele é lógico que não terá o mínimo de escrúpulos de roubar outras pessoas. E isso passa com o decorrer do tempo a ser uma coisa normal. Também a criminalidade está de mãos dadas com a impunidade. Nossas leis são coniventes com o infrator, principalmente se ele é menor. O governo tem uma grande participação no caos social que vivemos em nosso país.

⁶⁸ TIBA, Içami. São Paulo, 2007, p.78.

Quanto ao papel desempenhado pelas Ong's que cuidam da reabilitação de dependentes químicos, eu acho que elas fazem o que podem. O que o governo não faz elas pelo menos tentam. Elas tiram o dependente das ruas e isso já é um grande alívio, não só para a sociedade, como também para as suas famílias, além de oferecerem uma oportunidade para que esses indivíduos se ressocializem e tentem levar a suas vidas adiante.

É claro que a maioria das pessoas que passam por uma casa de recuperação retornam ao vício, são poucas as que conseguem se libertar. Isso não quer dizer que as comunidades terapêuticas sejam ineficientes, absolutamente que não. Elas ajudam e muito na reinserção social do dependente. Mas acontece que libertar-se de um vício é muito difícil. Quantas pessoas eu conheci que fumavam cigarro, e paravam. Umas ficavam dois dias, voltavam. Outras ficavam anos sem fumar e retornavam ao vício. Conheci alcoólatras que deixaram o vício e depois de quinze anos retornaram e com muito mais intensidade, pois quando você deixa um vício e retorna a ele depois de muito tempo, você volta muito mais sedento do que antes e geralmente quem retorna nunca mais larga. Continua usando até morrer. Então quando sabemos que um dependente passou por uma casa de recuperação e está firme por muito tempo, já é uma grande vitória e só temos que enaltecer o trabalho das comunidades terapêuticas que possibilitam que essas possam se recuperar, se libertar de uma verdadeira escravidão. É esse o nome que dou ao vício “escravidão”, não tem outro nome que não seja esse, pois é isso mesmo que ele representa, e eu não sei defini-lo com outra palavra mais apropriada do que esta.

Como disse que o número de pessoas recuperadas é considerado baixo, não estou falando por falar, mas baseado em fatos que comprovam a minha afirmação.

Apesar de todas as “polêmicas” em torno dessas instituições (clínicas de tratamento a dependência química), em muitos casos, ela tem sido o único local de apoio que os dependentes encontram, inclusive após o abandono do Estado e família, são nelas que estas pessoas recebem o apoio, apesar de ser considerado baixo o número de pessoas que deixam o vício, é por meio da ajuda dessas clínicas que muitos conseguem, podendo então seguir suas vidas. [...] ⁶⁹

Para conseguirmos evoluir na questão de enfrentamento às drogas é necessário desde cedo que os pais conheçam mais seus filhos e estejam a par do assunto, é preciso

⁶⁹ MARTINS, José Valdinei. Drogas e Violência. Conjecturas, ações e perspectivas na cidade de Uberlândia (1994-2000) - Monografia UFU 2015.

estudar as drogas, isso não é nenhuma piada. Eu estou falando sério. A sociedade tem que acordar para esse problema seríssimo que atinge não só a cidade de Uberlândia, mas todo o país e grande parte do mundo. Temos que pensar bem nas soluções para este grande mal que assola a sociedade contemporânea.

Só conseguiremos vencer as drogas se passarmos a enfrentá-las. Isso requer competência. Cada cidadão pode se capacitar, aumentando seus conhecimentos, e manifestar seu posicionamento contra os abusos sempre que necessário através de uma ação interventiva. Essa ação pode ser desde interferir diretamente com o usuário para que não use e/ou contatar seus responsáveis (rede pais). [...] ⁷⁰

Bom, eu não sei se essa medida proposta pelo psiquiatra Içami Tiba funcionaria no Brasil, mas é uma boa tentativa. Acontece que as pessoas só se preocupam com determinado problema quando são atingidos por ele. Talvez com o passar dos anos o nosso país evolua culturalmente e humanamente também, e talvez se faça o que o foi dito na citação acima, mas eu acho pouco provável. Talvez um dia as coisas melhorem e as pessoas deixem de serem tão egoístas e fúteis e comecem a pensar como uma sociedade e não individualmente.

Mas o capitalismo é assim, brutal e individualista. Cada um no seu quadrado, e assim vai o nosso país cada vez mais se afundando e os nossos jovens também. O futuro é algo a se temer, se as coisas continuarem como estão. Mas ainda tem tempo para acordarmos e fazermos algo diferente para mudarmos a história. Aos pais de dependentes o ideal é que nunca desistam de seus filhos, e aos dependentes deve ser sempre perguntado se vale a pena tanto sofrimento por segundos ou alguns minutos de prazer.

Aos pais e educadores, a melhor maneira de se enfrentar algo desconhecido é conhecendo. Conheça o seu inimigo. Se esse inimigo é a droga, vamos conhecê-la, vamos aprender a combater-la e expulsá-la da nossa convivência doméstica. Não é ignorando o problema que vamos resolvê-lo, temos que enfrentá-lo de maneira inteligente e eficaz. Para se obter êxito, temos de obter conhecimento sobre o assunto e procurar compreender e entender mais sobre o assunto. A família é fundamental.

Os seres humanos tornam-se mais fortes e protegidos quando sentem que realmente pertencem a um grupo. O primeiro grupo é a família. [...] ⁷¹

⁷⁰ TIBA, Içami. São Paulo, 2007, p. 262.

⁷¹ TIBA, Içami, São Paulo, 2007, p. 264.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando o que foi discutido nesse trabalho, onde no primeiro capítulo foi abordado o uso de drogas, suas causas e também a violência relacionado ao uso, tráfico de drogas e também a questão do narcotráfico, destacado pelo autor Argemiro Procópio, podemos concluir que as drogas proporcionam um grande desconforto para a sociedade Uberlandense e também para todo nosso país. Ela é um problema global que atormenta a sociedade contemporânea, e tem muitos adeptos. Não devemos só nos preocupar apenas com as drogas ilícitas, mas também nos alertar à livre iniciativa de estímulo ao uso das drogas chamadas lícitas, no caso, bebidas alcoólicas e cigarro, onde as propagandas estimulam seu uso, principalmente a cerveja. Os meios de comunicação fazem apologia ao uso de bebidas alcoólicas. Então eu acho que as nossas autoridades deviam estar mais atentas a esse fato.

Sobre a utilização das drogas eu continuo defendendo a tese de Bauman, quando ele fala sobre os mal-estares da modernidade.

Dessa ordem que era o orgulho da modernidade e a pedra angular de todas as suas outras realizações (quer se apresentando sob a mesma rubrica de ordem, quer se escondendo sob os codinomes de beleza e limpeza), Freud em termos de “compulsão”, “regulação”, ou “renúncia forçada”. Esses mal-estares que eram a marca registrada da modernidade resultaram do “excesso de ordem” e sua inseparável companheira- a escassez de liberdade. [...] ⁷²

A compulsão e a busca de alternativas para fugir da ordem imposta pela modernidade, faz com que o indivíduo moderno busque escapes para satisfazer sua sensação de vazio interior, solidão, e muitos buscam nas drogas o apoio para se sustentar em uma sociedade muito exigente e brutal. O sistema é brutal, na medida em que ele obriga as pessoas a seguirem seus estatutos e regulamentos. Essa ordem a ser seguida, muitas vezes é insuportável para determinadas pessoas que procuram alternativas diferentes para se ausentar ou mesmo tentar aliviar as pressões do dia a dia.

Quanto ao capítulo dois, quando falo das Ong's, essas entidades que, no caso de Uberlândia são legitimadas e representantes legítimas da sociedade e é lógico instrumentos do poder público, uma vez que recebem subvenções estatais. Essas

⁷² BAUMAN, Zygmunt, 1925. O mal-estar da pós-modernidade/ Zygmunt Bauman, tradução Mauro gama, Cláudia Martinelli Gama: revisão técnica Luís Carlos Fridman. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, pp.89.

comunidades terapêuticas têm projetos voltados para exatamente as áreas em que o estado é omissivo. Eu concordo que tem pessoas que acham os métodos das comunidades terapêuticas um pouco ultrapassados, mas entendo que em alguns casos eles são essenciais para que o indivíduo se afaste do ambiente em que vive, e se interne para que tenha uma desintoxicação, e depois eu recomendo que faça ou participe de um grupo de apoio ou terapia. É o que a instituição Desafio Jovem Peniel faz com os seus internos e também com os ex- internos, que estão hoje integrados na sociedade, a maioria trabalhando e recebendo o apoio psicológico e moral da instituição.

Sobre a questão da abstinência que para alguns é considerada desumana, principalmente pelas instituições que acreditam na redução de danos onde adotam estratégias diferentes, eu acredito que elas podem funcionar em alguns casos. Mas um usuário compulsivo dificilmente conseguirá se afastar das drogas sem uma internação. Então entendo que as comunidades terapêuticas são as instituições ideais para um tratamento adequado para indivíduos usuários de drogas que devidamente orientados e sem serem forçados, depois de passarem por rigorosa triagem devem se internar para buscar sua reabilitação e inserção na sociedade.

Sobre a questão religiosa, a comunidade informa o interno sobre a religião praticada na entidade. No caso do Desafio Jovem Peniel que é uma instituição evangélica, eles orientam as pessoas que são de outras religiões a procurarem um local que seja compatível com a sua prática religiosa, ou seja, ninguém é enganado quanto a isso. A maioria dos internos que passaram pela instituição disseram que não conseguiriam se sustentar sem um poder maior, no caso Deus. Então se é Deus ou não que mantém essas vidas longe do vício, o certo é que pelo menos eles acreditam em alguma coisa. Acho que é isso que dá esperança para que se mantenham firmes e longe das drogas.

REFERÊNCIAS

ADIALA, Júlio César. **Drogas, medicina e civilização na primeira república**. 2011. 180 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós- modernidade**. Tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 1998.

BORGES, Dain. Inchado, feio, preguiçoso e inerte: a degeneração no pensamento social brasileiro, 1880-1940. **Teoria & Pesquisa**, São Carlos, n.47, p. 43-70, jul. /dez. 2005 Ed. Digital.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Políticas e legislações**. [2017]. Disponível em: <<http://obid.senad.gov.br/obid/pessoas-sujeitos-drogas-e-sociedade/politicas-e-legislacoes>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

COMUNIDADES Terapêuticas. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/observatoriocrack/cuidado/comunidades-terapeuticas.html>.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

MARTINS, José Valdinei. **Drogas e violência: conjecturas, ações e perspectivas na cidade de Uberlândia (1994-2000)**. 2015. 53f. Monografia (Graduação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

MEIRA, Júlio César. **Ong's e assistencialismo religioso em Uberlândia-1980-2004**. 2005. 77 f. Monografia (Graduação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

OBSERVATÓRIO Crack, é possível vencer. [2017]. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/observatoriocrack/index.html>. Acesso em 20 de jun. de 2017

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História oral diferente. **Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História**, São Paulo, n. 14, p. 25-39

PROCÓPIO, Argemiro. **O Brasil no mundo das drogas**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SANTOS, Fernando Sérgio Dumas dos. Acoolismo: a invenção de uma doença. Campinas, SP:[s.n.], 1995.

SENAD. Observatório Brasileiro de informação Sobre Drogas. Ministério da Justiça. Disponível em: <http://www.obid.senad.gov.br/obid>.

SOBRE drogas. Disponível em: <http://www.defesasocial.mg.gov.br/sobredrogas>.

THOMPSON, E. P. Comunidade lazer e relações pessoais. In: _____. **A formação da classe operária inglesa II: a maldição de Adão**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Cap7, p. 291-309.

TIBA, Içami. Juventude & drogas: anjos caídos: para pais e educadores. 3. ed. São Paulo: Integrare, 2007.

FONTES

CPI do Narcotráfico tem mais 2 reuniões. **Jornal Correio**, Uberlândia, 4 de jan. de 2000. Polícia, p.B-3.

MILITARES prendem dois com armamento e droga. **Jornal Correio**, Uberlândia, 3 de jan. de 2005, p.A-6

NOVE quilos foram pegos ontem à tarde. **Jornal Correio**, Uberlândia, 13 de jan. de 2001. Segurança, p.B-16.

PRESOS por furto e receptação. Seis pessoas, entre elas duas mulheres, foram agarradas. **Jornal Correio**, Uberlândia, quinta-feira, 3 de jan. de 2002. Segurança, p.B-4.

PRIMEIRO homicídio de 2015 é registrado em Uberlândia. **Jornal Correio**, Uberlândia, 8 de jan. de 2015. Segurança, p. A-6.

QUEM comanda o tráfico na cidade? A polícia já identificou se há pessoas que comandam o tráfico e como combatê-los? **Jornal Correio**, Uberlândia, Domingo, 3 de jan. de 2010. Segurança, p.A-6.

ENTREVISTADOS

Adriana Gomes Cruz. Assistente social do Desafio Jovem Peniel. Entrevista realizada no escritório do Desafio Jovem Peniel em 05 de maio de 2017.

B.C.S. 40 anos. Entrevista realizada no escritório do Desafio Peniel em 03 de junho de 2017.

F.H.S. 23 anos. Entrevista realizada no escritório Desafio Jovem Peniel em 03 de junho de 2017.

F.M.C. 29 anos. Entrevista realizada no escritório do Desafio Jovem Peniel em 03 de junho de 2017.

G. Reis. Voluntário do Grupo Sarai. Entrevista realizada em 14 de outubro de 2016.